

MÍDIA, HUMOR E PRECONCEITO: PROGRAMA HUMORÍSTICO *ZORRA TOTAL* COMO ALIMENTADOR DE PRECONCEITOS

Neusa Inês Philippsen¹
Andressa Batista Farias²

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa desenvolvida no Projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). O estudo traz como principal propósito mostrar de que forma o programa humorístico *Zorra Total*, produzido e transmitido até o início de 2015 pela emissora de televisão Rede Globo, promoveu e disseminou preconceitos acerca de distintas temáticas: étnica, econômica, social, cultural e linguística. Para apreender estes preconceitos disseminados por este canal midiático, tecemos considerações analíticas sobre o *corpus* a partir da escolha de dois quadros deste programa de humor, intitulados “Carretel e Lucicreide” e “Adelaide e Briti Spriti”, os quais, dentre outros, são carregados de estereótipos que emergem nas variedades linguísticas, nos aspectos físicos, nas discriminações social, cultural e étnica. A análise desse material pautou-se sobre um estudo crítico do programa a partir dos quadros escolhidos, com a seleção de 2 (dois) episódios, sendo 1 (um) de cada quadro humorístico.

Palavras-chave: diversidade e variação linguística, preconceito, mídia, humor, *Zorra Total*.

Introdução

O preconceito encontra-se, desde longa data, muito arraigado em nossa sociedade. Podemos presenciá-lo em distintos lugares, a todo o momento, seja na escola, no trabalho, na rua, em uma roda de conversa entre amigos, dentre outros. Atualmente, tem-se tornado ainda mais categórico, principalmente por causa da disseminação de variadas programações midiáticas, que aliam conceitos preconcebidos

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, Brasil. E-mail: neusa@unemat-net.br

² Mestranda do PPGLetras da UNEMAT/Sinop e Graduada em Licenciatura Plena em Letras também pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, Brasil. E-mail: andressafariasabf@gmail.com

linguísticos e sociais. A mídia, mais especificamente por meio de programas humorísticos televisivos, tem tratado o uso da língua portuguesa de forma muito contundente, carregado de estereótipos, estigmas, clichês, reforçando o preconceito a variedades linguísticas de menor prestígio social e a exclusão de determinados segmentos sociais.

No presente estudo, que se fundamenta nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, apresentaremos de que forma o programa humorístico *Zorra Total*, produzido e exibido pela Rede Globo de março de 1999 a maio de 2015, abordava os preconceitos linguístico, social e étnico, que promoveram e disseminaram por muitos anos a marginalização de certos segmentos linguísticos, culturais e sociais. Para alcançarmos os objetivos propostos pela pesquisa, dentre eles, fundamentalmente, demonstrar os vários preconceitos embutidos no programa de humor *Zorra Total*, foram realizadas leituras teóricas, em especial as relacionadas à Sociolinguística Variacionista, durante todo o processo, assim como também coletas de materiais, tais como a seleção de dois quadros do programa de humor referido e recortes de episódios dos quadros, sobre os quais realizamos tessituras reflexivas sobre os preconceitos e a estereotipização, que engendram os personagens dos dois quadros escolhidos para o desenvolvimento do estudo.

Sociolinguística Variacionista: breve percurso histórico e pressupostos teórico-metodológicos

A Sociolinguística Variacionista é uma vertente da Linguística que estuda a língua falada em seu contexto de uso e tem como objeto mais amplo o estudo da variação, passível de ser descrita e analisada. Para entender a variação linguística, são imprescindíveis à análise, além de fatores estruturais linguísticos, fatores sociais e culturais. Nesse contexto, língua e sociedade são inseparáveis, uma constitui a outra. Assim, a variação linguística coexiste dentro das comunidades de fala, e o papel da Sociolinguística é buscar explicar sobre esse fenômeno da língua em suas circunstâncias de uso, que estão profundamente correlacionadas com a convivência em sociedade.

A fundação da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, como também é conhecida, é atribuída ao pesquisador William Labov, que criou um modelo de análise que possibilitasse a sistematização da variação existente na língua falada. Este modelo teórico-metodológico surgiu, mais especificamente, a partir da relação

entre a língua e a sociedade, isto é, do “Estudo da língua em seu contexto social” (CALVET, 2002, p. 32).

Labov (2008) sustenta que, para uma investigação linguística, é necessária que se considere a vida social da comunidade em que a língua ocorre. Essa ciência da Linguística tem, portanto, como função, descrever como o sistema linguístico é usado distintamente em várias comunidades de fala, a partir de fenômenos linguísticos heterogêneos, com princípios internos (linguísticos) e externos (sociais).

De tal modo, podemos dizer que o principal objetivo da Sociolinguística é mostrar a realidade linguística da sociedade, que envolve fatores de variação e mudança linguísticas em diferentes comunidades de fala, considerando, imprescindivelmente, características geográficas e socioculturais destas comunidades, tais como idade, gênero, profissão, grau de instrução, posição social, religião, dentre outras.

Em relação ao modelo teórico-metodológico da pesquisa Sociolinguística, Fernando Tarallo discorre que:

O modelo teórico-metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não-aromatizado artificialmente [...] – o fato linguístico – é o ponto de partida [...]. O fato sociolinguístico, o dado da análise, é ao mesmo tempo a base para estudo linguístico: o acervo de informações para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua, e também para o levantamento e o lançamento de novas hipóteses (TARALLO, 2002, p. 18).

O pesquisador William Bright, responsável pela Conferência Sociolinguística realizada em maio de 1964 na Universidade da Califórnia em Los Angeles (momento em que a disciplina ganha o seu reconhecimento), demarca, então, a importância do estudo sobre a diversidade linguística, cujos fatores estão relacionados à identidade social do falante, à identidade social do receptor e à situação ou contexto da fala. Para este pesquisador, a Sociolinguística complementa a Linguística, a Sociologia e a Antropologia (MONTEIRO, 2000).

Preconceitos linguístico e social

A conceituação de preconceito está relacionada ao julgamento ou atitudes que podem influenciar e levar um indivíduo à intolerância, à negação, à desvalorização e a não aceitação de uma conjectura de opiniões, atitudes, crenças, comportamentos e etc., que divergem da sua, levando-o a reagir com desprezo ou até mesmo violência em

algumas situações com relação ao ‘outro’. O preconceito é, portanto, em suas variadas manifestações, o reprodutor mais eficaz da discriminação, da exclusão e da violência. Podemos corroborar esse entendimento nas assertivas de Leite (2008, p. 27), que define o preconceito como “um fenômeno que se verifica quando um sujeito discrimina ou exclui outro, a partir de concepções equivocadas, oriundas de hábitos, costumes, sentimentos ou impressões”.

No que se refere ao seu surgimento, Crochík (2006) afirma que o preconceito é um fenômeno já antigo de nossa sociedade, embora seu objeto e o seu conceito tenham variado ao longo da História.

Portanto, os preconceitos são tão onipresentes em nossa sociedade que percorrem ao longo dos séculos, tornando múltiplas as formas de preconceitos e suas manifestações. Dentre elas, podemos destacar o preconceito aos homossexuais, à religião, aos negros, aos pobres. Exemplos estes de preconceito social, mas há, também, o preconceito linguístico. Este último, embora venha sendo frequentemente abordado em especial por sociolinguistas com o intuito valorizar e conscientizar sobre a existência das variedades linguísticas, ainda é desconhecido por parte de muitas pessoas que, inclusive, praticam o preconceito linguístico.

Conforme Bagno (1999) e Alkmim (2003), é alimentado cotidianamente na mídia, na escola, nas relações sociais cotidianas, em colunas de jornais e revistas, manuais, livros didáticos, os quais têm como principal objetivo querer ensinar e ditar o que é “certo” e o que é “errado”. Nesse sentido, podemos afirmar que o preconceito linguístico é tão prejudicial quanto os preconceitos étnico, religioso, sexual, dentre outros.

Leite (2008, p. 24) descreve o preconceito linguístico como “um *não-gostar*, um achar-feio ou achar-errado um *uso* (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou correto”. Para Bagno (1999, p. 12), “o preconceito linguístico é o deboche, sátira, ou a não tolerância em relação ao modo de falar das pessoas, é uma forma de preconceito a determinadas variedades linguísticas”.

É notório o poder de influência que a língua tem na sociedade, o ser humano a utiliza para se expressar e comunicar seus pensamentos e suas emoções, no entanto, por vezes, depara-se com profundas reações preconceituosas. Tais reações podem ser

geradas por intolerância diante de uma palavra ou expressões empregadas, que destoam da norma eleita como padrão da Língua Portuguesa, ou, igualmente, pela falta de empregos gramaticais normativos que envolvem as exigências de uso relacionadas às concordâncias verbal e nominal.

De tal modo, o preconceito linguístico não é nada mais do que o fato de discriminar uma pessoa pelo seu modo de falar. Deparamo-nos, a partir daí, também, com o preconceito social, que separa as pessoas em classes sociais, estigmatizando ou prestigiando falantes no uso da sua própria língua materna.

Assim, as pessoas estremam o falar “correto” e o falar “errado”, sentindo-se no direito de eleger uma variante/variedade melhor do que a outra. Aliado ao preconceito linguístico, como vimos, encontra-se o preconceito social, que, juntos, revelam, conforme nos mostra Bagno (1999, p. 70-71), profundas desigualdades sociais, sendo que “a violência urbana está intimamente ligada a uma situação de profunda injustiça, que coloca o Brasil [...] entre os países com a maior economia do planeta e, ao mesmo tempo, entre os primeiros com grande concentração de renda e aguda exclusão social”. Destarte, tais preconceitos são muito praticados em nossa sociedade, desde a antiguidade, colaborando para que as classes mais favorecidas economicamente ou de maior *status* social possam estabelecer relações de poder sobre as classes menos favorecidas.

A influência da mídia

De acordo com Junqueira *et. al.* (2012), a televisão é uma mídia que possui posição de proeminência nacional como veículo de comunicação, sendo, inclusive – para a maioria da população –, um meio de entretenimento e fonte de informação. Sendo assim, a influência midiática televisiva é tão forte que torna possível a alteração do imaginário das pessoas e, conseqüentemente, pode influenciar no comportamento dos indivíduos, bem como promover, estimular e reforçar o preconceito, seja ele social ou na linguagem.

Nota-se que a mídia, enquanto meio que veicula a comunicação, e portanto de persuasão, exerce um forte poder de influência nas atitudes e comportamentos de teventes, a mídia, dessa forma, introduz na sociedade valores que, muitas vezes, não condizem com a realidade. Com relação a isso, Távola (1999) afirma que a televisão

tem a capacidade de distorcer a realidade, com informações de forma espetacularizada, e com ênfase em pontos que podem distrair o espectador do que é real.

Sob este aspecto, vale mencionar o que discorre Jesus (2006, p. 17), ao tratar sobre os meios de comunicação de massa chama a atenção para o fato de que “há uma tendência das pessoas em acreditar que o mundo, nesse meio de comunicação, está objetivamente representado”. Jesus (2006) alerta-nos ainda para outra questão, de que o mundo representado na televisão é aquele filtrado da realidade e ressignificado pelos meios de comunicação. Logo, o que está representado na televisão é, pois, um simulacro da realidade, em que a identidade dos sujeitos é constituída por uma visão especulativa e subjetiva. Ainda segundo este autor (2006, p. 15), embora saibamos que não estamos diante de telespectadores absolutamente crédulos e alienados, “a imagem que se vê na tela e aquilo que se manifesta em termos linguísticos parecem ter relação direta com a realidade”. Isto posto, torna-se inegável o fato de que a televisão influencia na vida de seus telespectadores.

Outra supremacia da mídia está nos preconceitos disseminados, os quais não estão somente atrelados a questões sociais, mas também a relações linguísticas, como supracitado. Segundo Scoparo e Miqueletti (2012), o uso de variedades mais próximas da “cultura” é conduzido pela mídia de acordo com seus interesses e as variedades que fogem ao padrão “culto” são usadas como mote para piadas, deboche e atos pejorativos, desconsiderando-se, assim, as variedades que destoam da norma “cultura”. Dessa forma, os personagens de menor nível socioeconômico são caracterizados por sujeitos que não dominam essa norma, a exemplo disso, destacam-se as variedades utilizadas, no programa *Zorra Total*, pelos personagens Carretel, Lucicreide, Adelaide, Nerso da Capitinga entre outros, sujeitos personagens que possuem em sua fala usos de menor prestígio social, além de serem representados por sujeitos de menor classe social e de estratos que, geralmente, são estigmatizados.

A mídia, por sua vez, idealiza um modelo de “bem falar” a ser seguido e estabelece, desse modo, sua concepção de língua(gem). Conforme já citado, Bagno (1999) afirma que o preconceito é alimentado diariamente na mídia, em livros, manuais e nos instrumentos tradicionais de ensino da língua, como nos livros didáticos, principalmente por meio da gramática normativa, que deseja ensinar o que é “certo” e o que é “errado”. A mídia, assim, manifesta implícita ou explicitamente seus

preconceitos, tanto linguísticos quanto sociais.

Diante de tais considerações, é inegável, também, o poder de persuasão que a mídia televisiva possui sobre os telespectadores, e que influencia nas atitudes e comportamentos dos teventes. Propicia-se, assim, a aceitação do que é transmitido, geralmente sem um olhar crítico e reflexivo. De acordo com Junqueira *et. al.* (2012), os programas, novelas e propagandas sempre disponibilizam de signos, distintos dos normais, em que se criam um universo próprio na linguagem televisiva de forte influência no falar brasileiro e, em muitos casos, esses signos promovem, estimulam e reforçam o preconceito linguístico.

Programas de humor e estereótipos

Sabe-se que a mídia, mais especificamente nos programas humorísticos televisivos, reforça estereótipos causadores da estigmatização de variedades linguísticas de menor prestígio social. Podemos verificar essa estigmatização, com maior destaque, na estereotipização de variedades regionais e de classes sociais, que geralmente são reproduzidas de formas cômicas e grotescas, como, por exemplo, o sotaque do nordestino e a fala do ‘pobre’ relacionando-os a fatores socioeconômicos e culturais.

Atualmente, a maioria dos programas exibidos expõe ao público uma imagem estereotipada da concepção de linguagem. Comportamento sexual, preconceito regional, linguístico, étnico, entre outros, são pontos de partida para as criações de supostos tipos sociais e, a partir deles, a produção do que chamam de humor (JUNQUEIRA *et. al.*, 2012).

Segundo Souza (2007), quando se trata de ‘humor’, o estereótipo emprega-se do exagero, da caricatura e do excesso, como forma de dar um tom de humor ao personagem ou para a imagem que se quer representar. Nas palavras de Andrade (2013, p. 36), “o humor pode representar hostilidade, censura, superioridade e, até mesmo, revelar certos preconceitos e estereotípias”.

Travaglia (1989) também explicita que um dos mecanismos usados para provocar o humor é o estereótipo³. De acordo com este autor, o estereótipo é muito utilizado para se produzir a comicidade:

³ O estereótipo, mencionado em nosso estudo, configura-se como um dos elementos fundadores do riso, sem o qual as ‘situações cômicas’ aqui analisadas, possivelmente, não poderiam existir.

os estereótipos são valorados socialmente de forma negativa (para a sociedade como um todo quando não são do grupo dominante) ou positiva (como elemento de identidade do grupo respaldada por sentimento de solidariedade). O estereótipo no humor é sempre usado como uma dimensão social negativa, pois o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz do estereótipo algo ridículo. Aqui entra em questão a superioridade do conhecedor e da superioridade coletiva (TRAVAGLIA, 1989, p. 61).

Dessa forma, os estereótipos podem ser caracterizados como positivos e negativos. De acordo com Jesus (2006) e Lima (1997), a existência de estereótipos positivos é tão realizável quanto a ocorrência dos estereótipos negativos, no entanto, o que acontece é que a existência dos estereótipos positivos é desconhecida, explicada talvez pelo fato de gerar menos polêmica, como também sua prática ser de menor frequência ou perceptível.

Neste ponto, convém acrescentar as contribuições de Andrade (2013), quando discorre que a questão do humor de cunho linguístico-social está associada à dicotomia *superioridade vs. inferioridade*. “Quem debocha do erro de linguagem cometido pelo outro julga, por óbvio, saber o certo” (FRANÇA, 2006, p. 196, *apud* ANDRADE, 2013, p. 30).

Por sua vez, nos cunhos social e cultural, os estereótipos estão atrelados ao preconceito étnico, à orientação sexual, à religião, aos nordestinos, aos pobres e etc. Em vista disso, há recorrentemente em programas de humor e outros, televisivos, a caracterização do negro com papéis subalternos; a empregada doméstica, geralmente, semianalfabeta; o nordestino com estereótipos físicos e carregado de sotaque, para provocar o deboche, propagado pelos programas de humor, com o propósito de dar sustentação à comicidade, característica imprescindível dos programas humorísticos.

Dessa maneira, a mídia televisiva, mais especificamente a que veicula programas de humor, utiliza-se de personagens pitorescos, que são os que provocam a comicidade, os quais, quase sempre, são representados por sujeitos de baixa classe social e também por sujeitos que não dominam a norma culta.

Programa humorístico *Zorra Total*

O programa humorístico *Zorra Total* foi transmitido aos sábados em horário

nobre⁴, pela emissora de TV Rede Globo, e ficou no ar por 16 anos (de março de 1999 a maio de 2015)⁵. Após receber muitas críticas do público pelos quadros carregados de estereótipos, e até mesmo responder a alguns processos judiciais⁶, foi proibido pelo Ministério Público Federal a produzir definitivamente novos conteúdos no programa com alusões discriminatórias e preconceituosas. O programa humorístico então passou por uma reformulação de quadros, agora intitulado apenas como *Zorra*⁷.

O *Zorra Total*, quando ainda estava no ar, passou a ser um dos campeões de audiência a partir da estreia do quadro *Metrô Zorra*⁸, no qual se desenvolvia a narrativa de “Adelaide e Britti Spriti”, porém, nos últimos anos, o programa foi perdendo uma considerável parcela de seu público, por diversos fatores, dentre eles a qualidade do conteúdo do programa, visto que se apresentavam quadros muitos burlescos, com analogias preconceituosas, relacionadas à orientação sexual, religiosa, cultural, econômica e étnica.

Ao longo dos anos, o programa humorístico passou por vários ajustes de formatos, direção e quadros. Em 2011, por exemplo, com o início do *Metrô Zorra Brasil*, o metrô é comandado por *Dil Maquinista*, personagem que de forma sátira e cômica remete à presidente Dilma Rousseff, e em cada sábado o programa trazia de forma satirizada um assunto que estava em pauta durante a semana:

O roteirista Gugu Olimecha responsável pela redação final, diz que, quando a ideia era embrionária, chegou-se a pensar em juntar os personagens em um ônibus, eternamente, parado no trânsito de São Paulo. “Mas o metrô é mais abrangente por pegar todas as classes sociais”, explicou. Na opinião de Olimecha, o humor do programa, que também tem satirizado o ex-presidente Lula – qual aposentado, ele aparece vestindo pijamas –, “ficou um pouco mais político, sofisticado”. Mas faz uma ressalva importante: “O ‘Zorra’ continua

⁴ Após às 21 horas.

⁵ O programa *Zorra Total* foi produzido até o final de dezembro de 2014, e o programa fez algumas reprises, até maio de 2015, enquanto preparava a estreia do novo programa chamado apenas como *Zorra*.

⁶ Dados coletados do Processo Judicial Civil do Ministério Público à TV GLOBO LTDA. Disponível em: <<http://www.prsp.mpf.mp.br/prdc/area-de-atuacao/dsexuaisreprod/Acao%20Civil%20Publica%20-%20Rede%20Globo%20-%20Zorra%20Total%20-%20Homofobia.pdf>>. Acesso em 18 de mar. de 2016.

⁷ O programa de humor denominado *Zorra*, que substituiu o antigo *Zorra Total*, iniciou-se no ano de 2015, apresentando quadros com um humor reformulado e menos burlesco, o qual apresentou o seu último episódio dessa temporada no dia 16 de janeiro de 2016. Retornou, com nova temporada e reformulação de quadros, em 09 de abril deste mesmo ano.

⁸ Informações retiradas da *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:euN7D-PVAqoJ:www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2108201118.htm+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 7 de mar. de 2016.

sendo um programa essencialmente popular” (FOLHA DE S.PAULO, 2011).

Nesse sentido, a utilização do metrô, meio de transporte popular, como parte do cenário do programa, não é dada de forma aleatória. Busca-se aí uma aproximação da ‘ficção’ com a ‘realidade’, no intento da identificação com o público, em especial com a realidade do público em que o programa possui maior número de telespectadores, é mais popular. No entanto, essa ‘realidade’ é representada de forma exagerada e distorcida e que, portanto, não condiz com o real.

Vale acrescentar, ainda, as contribuições de Gomes (2013), com relação ao nome do programa *Zorra Total*. Segundo este autor, o enunciado do programa humorístico remete ao significado de ‘bagunça generalizada’ ou ‘enorme bagunça’. Para Gomes (2013), o substantivo *Zorra*, como gíria, significa ‘bagunça’, que, conjugado ao adjetivo *Total*, caracteriza uma condição de totalidade.

A pesquisa: considerações metodológicas

Para demonstrar alguns preconceitos embutidos no programa de humor *Zorra Total*, foram recortados, para análise do *corpus*, 2 (dois) episódios do programa, sendo 1 (um) do quadro “Carretel e Lucicreide” e 1 (um) do quadro “Adelaide e Briti Spriti”. Sobre os quais realizamos nossas tessituras reflexivas sobre os preconceitos e a estereotipização, que emergem dos personagens dos dois quadros escolhidos para o desenvolvimento do estudo.

Os dois quadros selecionados e os episódios escolhidos para a análise do *corpus* apresentam uma acentuada carga de preconceitos linguísticos, sociais e culturais, tal como outros quadros do programa que, igualmente, são carregados de estereótipos. O quadro “Lucicreide e Carretel” apresenta personagens que encenam papel de dois nordestinos: Lucicreide, como uma diarista/empregada doméstica, intrometida, abusada e algumas vezes preguiçosa, e seu marido, Carretel, que é representado como um homem desengonçado, atrapalhado e que fala enrolado. Assim, o quadro representa estereótipos na fala e no aspecto social, que não condizem com a realidade. O quadro foi um dos mais populares e mais antigos do programa humorístico em questão, com a sua estreia em 2004 e produção até o final de 2014.

No segundo quadro, “Adelaide e Briti Spriti”, a personagem Adelaide é

representada por uma mulher negra, mendiga, desdentada, preguiçosa, feia, ignorante, e que perambula pelos vagões de um metrô atrás de “trocados”. Adelaide e sua filha, Briti Spriti, representam características de mulheres que não cuidam da aparência física, sempre com cabelos despenteados e com aspectos de sujeira. Esses ‘aspectos’, por sua vez, também não condizem com a realidade da mulher negra, criando, assim, ainda mais, um forte preconceito étnico atribuído à mulher negra e pobre. O quadro foi um dos mais polêmicos produzidos pelo programa humorístico.

Considerações analíticas: discussão e resultados

Passamos, agora, às tessituras de análises dos dois quadros selecionados do programa *Zorra Total*, em que se disseminam, amplamente, preconceitos linguísticos e sociais, como veremos a seguir.

Quadro “Lucicreide e Carretel”

Como discorrido acima, nesse quadro mostra-se a vida de dois nordestinos que apresentam certas características que não condizem ou não podem generalizar a realidade do nordestino. O episódio expõe uma figura estereotipada, pejorativa do nordestino, além disso, sobressaem-se, em suas falas, muitos “erros” linguísticos e há exagero na interpretação do sotaque nordestino.



Episódio 1: Quadro “Lucicreide e Carretel”⁹

⁹ Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/4104196/>>. Acesso em 8 de mar. de 2016.

O episódio acima, cuja intitulação é “Que luxo! Lucicreide e Carretel aprontam em restaurante”, foi ao ar em 11 de abril de 2015. Carretel leva Lucicreide para comer em um restaurante, porém Carretel traz em uma sacola a comida de casa para a refeição, já que não tem condições financeiras para pagar a comida do restaurante. O que se expõe no decorrer da cena é que o casal nordestino não teria dinheiro para pagar a alimentação no restaurante, mas, mobilizados pelo grande desejo em poderem alimentar-se em um restaurante, o casal permanece no recinto para fazer a refeição com a comida trazida de casa, mesmo após aviso do garçom de que, se não pedissem alguma coisa, não poderiam permanecer no estabelecimento. No alimento trazido de casa há uma batidinha de limão e buchada de bode – prato típico da região Nordeste.

Reiteram-se, nas cenas, atitudes que não condizem com a realidade ou que não podem generalizá-la, como ir a um restaurante mas levar comida de casa e também nos maus comportamentos que são apresentados de forma muito exagerada, como no momento em que Lucicreide bebe água do vaso de flor da mesa e na fala irônica dela, quando diz que o prato característico do nordestino, a buchada, é o que ela mais gosta, mas no momento em que Carretel destampa a marmita, a expressão consequente é de nojo do cheiro.

Outro fato a se apontar são alguns usos linguísticos, empregados pelos personagens Lucicreide e Carretel:

- 1) Lucicreide – *fri medronho*, um *fri*, que minha boca chega tá seca.
- 2) Carretel – não beba água do *negóxo*¹⁰, *rapá!*
- 3) Carretel – num esquento a *mulésta* não, tudo hoje é por minha conta.
- 4) Carretel – foi aquela *corra* toda.
- 5) Lucicreide – deixa de sê afoite, nojento! Eu tô bestinha *Carritel*, tu num vai pedi nada não *pá* gente *tumá*, *pá abi os trabaio*, porque tô besta que tu, que tá acostumado a viciá e deixa eu *cum* motocózinho mole... [...] o negócio chegô me *arrupiô*.
- 6) Carretel – óia o que *tuxe* aqui. Uma batidinha de limão, só *pá morná* o *paladrá*.
- 7) Lucicreide – *Carritel*, pede uma coisa *pá* gente comê, porque meu estômago tá assim: *túin*, intuixuchando. O estômago tá pedindo tanta fome, tá com tanta fome, que se eu engloli um *celurá*, ele faz discagem *pá* uma pizzeria e pede.

¹⁰ Alguns acentos foram acrescentados para demonstrar a pronúncia da vogal aberta, típica em algumas variedades nordestinas.

8) Carretel – óia que eu *tuxe* logo uma *malmita*! Uma *malmita* veja só! Um tijolo de metal, vai *pá* lá, *abá*, *abá* aí, *abá* aí, *pá* tu vê, *abá* aí, *pá* tu vê, buchada de bode, que é seu *pato* preferido, minha nega, buchada de bode e é com bode importado direto dos Estados Unidos do Ceará.

9) Carretel – restaurante chique o *criente* tem sempre razão.

Carretel e Lucicreide apresentam na fala elementos linguísticos que destoam da norma culta, selecionados de variedades linguísticas altamente estigmatizadas, com o uso, por exemplo, de rotacismo¹¹ (a troca do L pelo R), presente no enunciado 9) *criente* e o lambdacismo (a troca R por L) em 8) *malmita*. Dentre outros usos linguísticos, tidos como desvios da norma, estão várias outras formas de metaplasmos¹²:

METAPLASMOS	USOS LINGUÍSTICOS
Metátese ¹³	<i>Paladrá</i>
Apócope ¹⁴	<i>Rapá, fri</i>
Epêntese ¹⁵	<i>Engloli</i>
Dissimilação ¹⁶	<i>Celurá</i>
Monotongação ¹⁷	<i>tuxe</i> – nesse caso, acompanhado também da supressão do fonema /r/
Síncope ¹⁸	<i>pato, pá, abá</i> - supressão do fonema /r/ nos vocábulos
Deslaterização ¹⁹ - /κ/ em /i/	<i>trabaio</i>
Vocalização – consoantes /l/ > /i/	<i>óia</i>

Quadro 1: metaplasmos extraídos do episódio 1.

Destacam-se, ainda, o apagamento do /r/ em final de palavra, especialmente em verbos no infinitivo 5) *viciá* 6) *morná*, 7) *comê*), conhecido também como fenômeno de

¹¹ Segundo Bagno (2007), o rotacismo é um fenômeno antigo, que provém desde as primeiras mudanças do Latim. Para o autor, além de ordens fisiológicas, existe, na língua, uma tendência natural de transformar em R o L dos encontros consonantais, e que, portanto, as pessoas estão simplesmente levando adiante essa tendência, presente na língua há séculos.

¹² Para Câmara Júnior (1975), as mudanças mais comuns na fala espontânea ocorrem por meio de acréscimos ou decréscimos de fonemas, gerando forma diferente de falar a mesma coisa. Essas modificações fonológicas e morfológicas são denominadas metaplasmos.

¹³ Nome dado à transposição de um fonema em uma mesma sílaba de um vocábulo. (BOTELHO; LEITE, 2005).

¹⁴ Nome dado ao fenômeno que suprime um fonema no final do vocábulo. (Ibid., 2005)

¹⁵ Acréscimo de fonema no interior da palavra. (Ibid., 2005).

¹⁶ Quando ocorre a transformação de um fonema para diferenciação de um outro semelhante existente no mesmo vocábulo. (Ibid., 2005)

¹⁷ Nome dado à transformação ou redução de um ditongo em uma vogal. (Ibid., 2005)

¹⁸ Nome dado à supressão de fonemas no meio do vocábulo. (Ibid., 2005).

¹⁹ Nome dado à transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral. (Ibid., 2005).

apócope. Segundo Bagno (2007), o apagamento do /r/ nos infinitivos caracteriza o vernáculo de todos os brasileiros.

Todas essas atitudes e usos linguísticos que são interpretados acabam por reforçar o preconceito e o deboche sobre o nordestino, em especial ao prato típico da região Nordeste, a buchada de bode, pois, ao se desdenhar sobre o cheiro desagradável, remete-se à inferência de que esta seria a única refeição que eles teriam condições financeiras de comer, não tendo recursos financeiros para se alimentarem em um restaurante. Além desse desdém da pobreza, destaca-se o desprezo pelas variedades linguísticas, que são vistas como ‘língua corrompida’ e de subversão do ‘bom falar’. Tais comportamentos, atitudes e a utilização desses fenômenos linguísticos representam, em geral, um traço de diferenciação social, que é acompanhado do estigma, e que muitas vezes não condiz com a realidade. Desse modo, a reprodução destes atributos evidencia ainda mais estigmas sociais, geográficos, culturais e linguísticos, como se os nordestinos, em geral, fossem não escolarizados, incapazes de tarefas intelectuais e que falam tudo “errado”, inculcando a ideia de que apenas os nordestinos falam dessa forma.

Assim, conforme Albuquerque Junior (2007), os nordestinos são, geralmente, retratados na mídia, principalmente em programas de humor, como pessoas engraçadas e que falam “errado”, reforçando uma visão preconceituosa de suas variedades linguísticas.

Scoparo e Miqueletti mostram-nos que:

Essas variações aparecem em situações humorísticas, motivadas por falantes estigmatizados. É tendência, na mídia, principalmente a televisiva, criar imagem pejorativa de variedades do interior de certas regiões do Brasil, como falantes nordestinos, mineiros, paulistas, cariocas, paraibanos, entre outros, e principalmente de regiões rurais. Essa postura influencia o preconceito que os telespectadores desenvolvem sobre as variedades estigmatizadas, possibilitando a manifestação de avaliações negativas em relação a essas variações (SCOPARO; MIQUELETTI, 2012, p. 10).

Nesse contexto de análise, acentua-se, ainda, o uso de uma linguagem depreciativa e obscena, os personagens do episódio possuem um tom de voz alto, não só para realçar efeitos cômicos, mas também para fazer irromper traços de identificação do pobre, que, culturalmente, fala mais alto que o rico.

Esses estereótipos que são atribuídos ao nordestino ainda são muito frequentes

na mídia, principalmente em programas de humor, fazendo, assim, com que esse grupo social/regional seja considerado como inferior aos demais grupos sociais e de outras regiões do Brasil.

Quadro “Adelaide e Briti Spriti”

Neste quadro, as personagens ‘cômicas’ que visam representar a mulher negra aparecem com estereótipos exagerados e ridicularizados, como mulheres que não cuidam da aparência física, com cabelos sempre despenteados e com aspectos sujos, apresentam também um tom de voz alto, além de pronunciarem as palavras de forma acentuadamente “erradas”, sempre precedidas do seguinte bordão: “Curicença, curicença, curicença, será que alguém tem cinquenta centarro, vinte e cinco centarro ou dez centarro”.



Episódio 2: Quadro “Adelaide e Briti Briti”²⁰.

Neste episódio, levado ao ar em 9 de junho de 2012, com a intitulação “Adelaide ajuda passageiro necessitado”, a personagem, ao caminhar pelo vagão do metrô pedindo esmolas, vê uma mulher branca de cabelos lisos e loiros, pega nos cabelos da moça e diz que são bonitos e que desejaria muito que a sua filha, a Briti Spriti, tivesse um cabelo igual ao da mulher. Essa afirmação da personagem Adelaide, por sua vez, remete ao preconceito étnico, visto que reitera a concepção cultural de beleza atribuída à mulher

²⁰ Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/1986080/>>. Acesso em 11 de mar. de 2016.

branca e loira em detrimento da negra, pois deixa implícito que a sua filha, menina negra, não tem o cabelo bonito, e ainda diz, na cena, que Briti “tá com poblema de cabelo duro”.

Nesse sentido, é importante mencionar o que discorre Araújo em relação à valorização da estética branca na mídia televisiva:

O que constatamos aqui é que a própria mídia televisiva propende a ser mais um veículo de reforço simbólico da política de invisibilidade da desigualdade e da discriminação racial, o principal meio de comunicação na imposição de um modelo cultural e estético euro-americano e de continuidade da política do branqueamento. (ARAÚJO, 2000, p. 68).

Ainda nesse episódio, Adelaide encontra a pessoa que será seu interlocutor até o desfecho da cena. A personagem mendiga esmola a um senhor de cor branca, e o homem nega dinheiro à Adelaide, dizendo que ela deveria trabalhar ao invés de pedir esmolas, e ainda diz que paga um almoço à personagem se ela cortar a grama de seu quintal. Ela responde, em seguida, dizendo “eu num tô te pedindo trabaio, moço, tô te pedindo cinquenta centarro”; com a reiterada recusa do senhor em dar-lhe a ‘esmola’, Adelaide retira cinco reais de sua caixa e dá ao senhor dizendo que ele deve estar necessitado.

É, portanto, nesse tipo de ‘humor’ que se instaura sutilmente o preconceito social ao negro, que é caracterizado como preguiçoso, sendo assim, convém a ele mendigar e não trabalhar.

A seguir, transcrevemos alguns trechos linguísticos deste episódio, carregados de bordões e desvios da norma culta, que são clássicos da personagem:

1) Adelaide – tá a cada dia mais *curulida*, hein! [...] Queria tanto que minha filha tivesse o *cabero* assim. A Briti, né, mas só que ela não pode porque tá com *pobrema* de cabelo duro. Se eu botá esse gronda, aqui, que tu curucô [...] se eu coroco nela, o cabelo dela cai.

2) Adelaide – acho que tu tá com *pobrema* de cerebelo, né? porque eu *num tô* te pedindo *trabaio*, moço, *tô* te pedindo cinquenta *centarro*. [...] *tô* achando que tu tá com *pobrema* de dificuldade [...] *óia* aqui, fica aqui com cinco real, toma aí, *pá* tu *comprá* um negócio *pá* tu. [...] Eu num posso cutá gama, porque eu tenho *aregia cum* negócio de capim, *num* consigo. *Num* tem *prubema* não, moço, eu *num qurero*, eu só *qurero* que Deus te dá em dobro tudo que você me deu.

METAPLASMOS	USOS LINGUÍSTICOS
Assimilação e dissimilação	<i>curulida, coroco, cum, num, aregia</i>
Apócope	<i>botá, comprá</i>
Rotacismo	<i>pobrema</i> – também com a supressão do /r/
Epêntese	<i>Qurero</i>
Aférese ²¹	<i>Tô</i>
Deslaterização – /k/ em /i/	<i>trabaio,</i>
Vocalização – /l/ em /i/	<i>Óia</i>
Síncope	<i>prubema</i>

Quadro 2: metaplasmos extraídos do episódio 2.

Outra forma de discriminação que pode ser observada é o fato de que, na maioria dos episódios, as pessoas que ajudam Adelaide com dinheiro, quando a veem retirar de sua caixa um *tablet*, ficam revoltadas. Esse fato leva à constatação social e cultural de que pessoas pobres, mais especificamente mendigos, não podem ter um *tablet*, pois isso representaria sem-vergonhice, malandrice e não ter escrúpulos. Segundo Silva (2015), essa discrepância entre o baixo poder econômico de Adelaide e o aparelho tecnológico da atual geração reporta-se à questão da inclusão social:

o quadro se desenvolve numa perspectiva de desigualdade social e de classes, na qual a personagem sempre desenvolve seus diálogos com pessoas que podem ser identificadas como pertencentes à classe média. São nesses elementos que podemos identificar, como já dito, o deslocamento da existência de uma desigualdade racial para uma generalização de desigualdade social (SILVA, 2015, p. 40).

Nesse contracenar de Adelaide com pessoas, geralmente, de pele clara e que aparentam pertencer às classes média ou baixa deixa-se emergir, sempre, um contraste de usos linguísticos, sendo as variedades estigmatizadas as utilizadas pela protagonista.

Outro ponto, que vale ser destacado, está no fato de que a personagem Adelaide é interpretada pelo ator Rodrigo Sant'anna, homem pardo, que se caracteriza de mulher e usa da técnica do *Blackface*²², para representar a mulher negra, que, por sua vez, é caricaturada de forma exagerada e ridicularizada.

Nesse contexto, Adelaide e Briti Spriti são representações estereotipadas de pessoas que, além de serem negras, não são escolarizadas, são pobres e fogem dos padrões de beleza e higiene impostos pela sociedade. Destarte, a caricatura

²¹ Supressão de fonema no início da palavra.

²² Nome dado para a caracterização de personagens negros, geralmente exageradas e estereotipadas.

estereotipada dessas personagens reforça o preconceito contra a mulher negra, pobre e sem trabalho. Essa forma de ‘humor’, portanto, humilha e desrespeita a dignidade humana. (MARTINS, 2013).

Ao analisarmos os estereótipos disseminados neste quadro, podemos observar que o negro, representado pelas personagens Adelaide e Briti Spriti, é denotado de forma muito grotesca e não reflete e muito menos refrata a realidade do negro, mais especificamente das mulheres negras, contudo, o quadro faz levar, a telespectadores desatentos, à discriminação, racismo, desumanização e humilhação.

Considerações finais

Neste artigo, discorreremos sobre os preconceitos disseminados pela mídia, mais especificamente no programa de humor *Zorra Total*, em que analisamos muitos estereótipos que foram propagados. Dessa forma, pode-se afirmar que o programa difundiu, por muitos anos, preconceitos e estigmas, tais como o preconceito linguístico representado pelo exagero de formas inadequadas e depreciativas, consoante à variedade considerada culta da língua, como também o preconceito social, representado pelo excesso de estereotipização ao negro e ao nordestino.

O programa *Zorra Total* foi, portanto, baseado em um humor carregado de preconceitos linguísticos e estereótipos sociais em todos os diversificados quadros que o compuseram. Dentre esses quadros, destacam-se os dois analisados nesta pesquisa, “Lucicreide e Carretel” e “Adelaide e Briti Spriti”, dos quais selecionamos 2 (dois) episódios, sendo 1 (um) de cada quadro, para os quais foram elaboradas tessituras de análises, que buscaram apreender os usos da língua altamente estigmatizados, não condizentes com a realidade, e a estereotipia social, em especial, relacionada aos preconceitos étnicos, regionais e econômicos.

“Lucicreide e Carretel” representavam nordestinos com muitos estereótipos nas características físicas, socioeconômicas, culturais e linguísticas, criando, assim, uma visão preconceituosa não apenas do povo nordestino, mas também de suas variedades linguísticas. Já “Adelaide e Briti Spriti” representavam a mulher negra e pobre, a partir de um embuste que não condiz com a realidade, reforçando, dessa maneira, o preconceito a pobres e, especialmente, o preconceito étnico.

Desse modo, podemos afirmar que muitos brasileiros por vários anos receberam,

e continuam recebendo, tratamento de exclusão por meio da caricatura de personagens, tanto em seus aspectos físicos, socioeconômicos, culturais e linguísticos, com o propósito único de fazer o ‘humor’ surgir, mesclado e camuflado por estereótipos.

Portanto, durante muitos anos a emissora de TV Rede Globo, através do quadro humorístico *Zorra Total*, disseminou mensagens de discriminação, preconceito e estereotipização em relação à orientação sexual, etnia, religião, classe social, espaço geográfico, dentre outras. Por muito tempo a população brasileira ficou, e ainda fica, à mercê e aprisionada intelectualmente às discriminações e estigmas, sem um olhar muito crítico, contudo, há que se ressaltar a queda de audiência desse programa, que pode estar ligada a um olhar mais analítico que, aos poucos, foi se lançando a este humor chulo, grotesco, esdrúxulo, desrespeitoso e insultante, visto que após muitas críticas, denúncias e processos judiciais o programa foi bastante reformulado.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRADE, Débora Cristina Longo. A Linguagem Popular e sua Relação com o Humor. *VERBUM – cadernos de pós-graduação* (ISSN 2316-3267), n. 4, p. 25-37, 2013.

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. 35. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BOTELHO, José Mário; LEITE, Isabelle Lins. Metaplasmos contemporâneos: Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. *Anais do II CLUERJ-SG, Volume Único, Ano 2, n.º 01*, 2005.

CALVET, Jean Louis. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA Jr., Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GOMES, Renan Araújo. “*Ai, como eu sou bandida*” a análise discursiva crítica sobre a construção indenitária da personagem transexual Valéria Vasques, no programa de televisão *Zorra Total*, da rede globo. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Viçosa. Minas Gerais, 2013.

JESUS, Étel Teixeira de. *O nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela senhora do destino*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília – UnB, 2006.

JUNQUEIRA, M. E. B.; SOUZA, A. B.; SILVA, G. D., SILVA, L. F.; ALMEIDA, V. A. da S. O Preconceito Linguístico na Mídia Televisiva. *Anais do XVI CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012.

LIMA, Maria Manuel. Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem. *Revista da Universidade de Aveiro*, 1997.

MARTINS, Marinildes Pereira. *O negro cristalizado: a permanência de estereótipos, distorções e preconceitos na teledramaturgia brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013. Paulo.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOPARO, Tania Regina Montanha Toledo; MIQUELETTI, Eliane Aparecida. Variação linguística: língua portuguesa e o preconceito na mídia. *Revista de Letras e Linguagem Midiáticas*, 2012.

SILVA, Rodrigo Almeida da. *Tá rindo do quê?: riso e racismo no humor televisivo brasileiro no século XXI*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

SOUZA, Edivaldo Reis. *A gestualidade na construção do estereótipo do personagem homossexual no cinema*. São Paulo, 2007.

TARALLO, F. *A Pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

TÁVOLA, Artur da. *A cultura do hiper-real*. In: *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, Brasília, 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Estudos Linguísticos e Literários*, Maceió, v.5 e 6, p. 42-79, 1989.

MEDIA, HUMOR AND PREJUDICE: HUMOROUS PROGRAM ZORRA TOTAL AS PREJUDICES FEEDER

ABSTRACT

This article is part of a research developed in Diversity and Linguistic Variation Project in Mato Grosso (DIVALIMT). The study has as main purpose to show how the comedy program Zorra Total, produced and broadcast by the beginning of 2015 the television station Globo, promoted and spread prejudices about issues different: ethnic, economic, social, cultural and linguistic. To seize these widespread prejudices in the media, specifically in mood program, research, weave analytical considerations on the corpus from the choice of two tables of comedy program Zorra Total, entitled “Carretel and Lucicreide” and “Adelaide and Briti Spriti”, which, among others, are loaded stereotypes in language varieties in the physical, social, cultural and ethnic discrimination. The analysis was guided on a critical study of the program from the selected frames, with the selection of two (2) episodes, one (1) of each humorous picture.

Keywords: Diversity and Linguistic Variation, prejudice, media, comedy, *Zorra Total*.

Recebido em 09/07/2016.

Aprovado em 02/09/2016.